



EMIGRAÇÃO INTERNACIONAL NO NORDESTE: INDICAÇÕES DE UM PROCESSO METROPOLIZADO E FEMINIZADO

INTERNATIONAL EMIGRATION IN THE NORTHEAST:
INDICATIONS OF A METROPOLISED AND FEMINIZED PROCESS

Aline Lima Santos
aline.lisan@gmail.com

Resumo

Aborda-se a participação do nordeste brasileiro na emigração internacional brasileira. O assunto é pouco estudado diante da forte presença desta região nas migrações internas, fato que justifica a proposta. Para tal são utilizados dados quantitativos produzidos pelo IBGE, oriundos principalmente do recenseamento demográfico de 2010, que pela primeira vez incluiu o quesito emigração. Traça-se a distribuição espacial da emigração no Brasil e no nordeste, identifica-se suas principais grandes regiões e países de destino e analisa-se a interferência da variável “sexo” na configuração espacial do fenômeno. Os resultados ratificam a pouca expressividade da emigração na região, mas demonstram sua concentração nas áreas metropolitanas, sugerindo que os emigrantes saem sobretudo das áreas mais ricas e interconectadas às dinâmicas globais no nordeste. Além disso, há forte feminização da emigração nordestina, superior à brasileira, o que pode se relacionar com a presença de uma sociedade marcada pelo tradicionalismo e patriarcalismo. Evidencia-se, também que as mulheres e os homens têm preferências distintas quanto ao destino, fato que pode ser vincular à distintas condições e oportunidades oferecidas segundo o gênero e especificidades no uso do território. Espera-se com isso estimular novas reflexões que aprofundem o conhecimento sobre o tema.

Palavras-chave: nordeste brasileiro, emigração internacional, áreas metropolitanas, gênero.

Abstract

The participation of the Brazilian Northeast in the Brazilian international emigration is approached. The subject is little studied due to the strong presence of this region in internal migrations, a fact that justifies the proposal. For that, quantitative data produced by the IBGE are used, mainly coming from the demographic census of 2010, which for the first time included the question of emigration. The spatial distribution of emigration in Brazil and in the northeast is plotted, its main major regions and destination countries are identified and the interference of the variable "sex" in the spatial configuration of the phenomenon is analyzed. The results confirm the

low expressiveness of emigration in the region, but demonstrate its concentration in the metropolitan areas, suggesting that emigrants leave mainly from the richest and interconnected areas to the global dynamics in the northeast. In addition, there is a strong feminization of emigration from the Northeast, which is superior to the Brazilian one, which can be related to the presence of a society marked by traditionalism and sexism. It is also evident that women and men have different preferences for destiny, a fact that can be linked to the different conditions and opportunities offered according to gender and its specificities in the use of the territory. It is hoped to stimulate new reflections that deepen the knowledge on the subject.

Keywords: Brazilian northeast, international emigration, metropolitan areas, gender.

Introdução

Quando se analisa o fenômeno migratório no Brasil o nordeste é destacado sobretudo no que diz respeito às migrações internas. De fato, a região, ao longo da história, manteve saldos migratórios negativos em relação às demais regiões do país, contribuindo como principal emissora nacional de população. Dentre os fatores macroestruturais que colaboraram para esse padrão migratório nordestino, pelo menos até o limiar das décadas 1970/1980, cita-se os processos de expansão da fronteira agrícola e de industrialização no país. A concentração das atividades econômicas mais dinâmicas e rentáveis no sudeste e o aprofundamento de desigualdades regionais na formação territorial brasileira contribuíram decisivamente como motores das migrações internas, orientando a distribuição espacial da população brasileira, conforme é exemplificado pelas análises de Paul Singer (1973), dentre inúmeras outras contribuições.

Desde os anos 1970 e principalmente dos anos 1980 em diante está em andamento no Brasil o processo de desconcentração industrial e econômica. As disparidades regionais não foram superadas, mas adquiriram novos conteúdos. O contexto incluiu mudança de um Estado nacional-desenvolvimentista para um Estado neoliberal; difusão do meio técnico-científico-informacional no território brasileiro; reestruturação produtiva; internacionalização da economia, manifesta na maior presença das grandes corporações, etc. (SANTOS & SILVEIRA, 2008). Os desdobramentos da nova realidade para a distribuição da população vieram com algum atraso, mas foram significativas. Ao longo dos anos 1980/1990 houve rearranjo dos fluxos das migrações internas, emergiu e se consolidou a emigração internacional brasileira e a imigração para o país cresceu, apresentando diversificação de origens.

Os fluxos migratórios inter-regionais decresceram, enquanto cresceram as migrações de retorno para o nordeste e as migrações intrarregionais. O saldo migratório nordestino negativo reduziu-se e passou a chamar a atenção de pesquisadores preocupados com a temática dos deslocamentos populacionais no Brasil (OJIMA & FUSCO, 2014). As tradicionais teorias migratórias baseadas principalmente em explicações econômicas, como as leis de atração/repulsão

da população, mostraram-se limitadas. Paralelamente, as migrações internas revelaram-se mais mutáveis e fluídas, novas modalidades de movimento passaram a sobressair, como o refluxo, a reemigração, etc. As oscilações de volume e saldos migratórios e a circularidade migratória afirmaram-se (QUEIROZ & BAENINGER, 2013).

Simultaneamente, estudiosos também se depararam com uma novidade histórica: a emergência e crescimento da emigração brasileira para o exterior (CARVALHO & CAMPOS, 2006). Esta vertente do fenômeno migratório, até então, não era significativa na formação do país. O passado demonstrava o Brasil enquanto país predominantemente de imigração e na fase subsequente (anos 1930/1980) a importância política, econômica, social, cultural e espacial das migrações internacionais declinou. As transformações engendradas pelas crises político-econômicas da “décadas perdidas” (anos 1980/1990) continham, portanto, a saída de brasileiros para o exterior. A busca por compreensão deste processo foi objetivo que ocupou atenção das diversas disciplinas das ciências humanas e sociais. Os trabalhos da geógrafa Rosa Ester Rossini (2006) sobre decasséguis no Japão ou das sociólogas Neide Lopes Patarra (1995; 1996) e Maria Teresa Sales (1999) no esforço de sistematizar as novas dinâmicas brasileiras de participação nas migrações internacionais merecem ser destacados.

As contribuições científicas iniciais para o conhecimento sobre a emigração brasileira foram reforçadas pela relevância que o tema foi recebendo na pauta política de debate internacional e nacional no contexto da globalização (VENTURA & ILLES, 2012). A emigração exigiu revisão de políticas migratórias do Estado brasileiro, que no decorrer dos anos 2000 buscou dialogar e responder algumas demandas de parcela de sua população fora de seu território. Além disso, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi incorporando no recenseamento formas de apreender das dinâmicas migratórias internacionais. Em 2010, pela primeira vez, foram incluídas questões sobre a emigração internacional, dirigidas a todos os domicílios do país, oferecendo maior respaldo estatístico para interessados e estudiosos sobre o tema (OLIVEIRA, 2013). Assim, a produção científica sobre a participação do país nas migrações internacionais também se ampliou e foi enriquecida, apontando para a complexidade dos movimentos populacionais que cruzam as fronteiras para entrar e sair do Brasil.

No que diz respeito à produção científica sobre a emigração, foco deste artigo, é possível identificar duas tendências notáveis e não excludentes: 1) o tratamento dos egressos brasileiros enquanto agregado numérico indiscriminado; e 2) a ênfase nas áreas que se destacam como origem dos emigrantes, como é o caso dos estudos que analisam as dinâmicas migratórias de Governador Valadares (MG), por exemplo. No primeiro caso, os estudos contribuem com uma visão geral e abrangente do fenômeno, mas não dá conta das disparidades na distribuição espacial do fenômeno

e suas particularidades regionais que, uma vez observadas, muito contribuiriam para aprofundar os conhecimentos sobre o tema. No segundo caso, o enfoque na áreas em que a emigração se avulta permite analisar causas e consequências das saídas de maneira mais concreta, podendo evidenciar de modo mais claro o processo de criação de redes migratórias e de formação de sistemas migratórios, por exemplo.

Mas a compreensão do fenômeno migratório em sua totalidade requer observar igualmente sua ausência ou manifestação reduzida. O demógrafo e economista Marden Barbosa de Campos (2014), com base nas informações do quesito data-fixa do Censo Demográfico Brasileiro, demonstrou que nos últimos 40 anos o percentual da população brasileira nunca residiu em outro município além daquele em que nasceu manteve-se pouco oscilante por volta dos 60%. Na avaliação da distribuição espacial dessa população que nunca realizou migração interna ou internacional, os dados revelaram que, considerando as disparidades regionais do fenômeno, sua proporção é menor no Centro-Oeste (45,2% da população nunca migrou) e maior no Nordeste (66,5% da população nunca migrou) (CAMPOS, 2014).

Considerar os não-migrantes e/ou as regiões que pouco tributam ou pouco sobressaem para os movimentos populacionais é um caminho possível para ensejar novas questões, reflexões e problemáticas, o que é válido também quando se analisa nomeadamente as emigrações. Nesse sentido, propõem-se compreender o nordeste não a partir de sua notoriedade para as migrações internas, mas sim a partir de sua relativamente insípida participação na emigração brasileira, procurando identificar e analisar suas particularidades. Inicialmente analisa-se a distribuição espacial da emigração no Brasil, destacando as especificidades do nordeste. Em seguida, observa-se o predomínio das mulheres na composição deste contingente populacional e, por fim, examina-se os principais destinos desses emigrantes.

Além da bibliografia disponível sobre emigração brasileira, os procedimentos da pesquisa foram sobretudo baseados no exame de dados secundários. Utiliza-se principalmente o Censo Demográfico realizado em 2010. A abordagem que privilegiava os aspectos quantitativos do fenômeno. Por ser um fenômeno reduzido na população brasileira, as questões que permitem conhecer a abrangência da emigração foram inseridas no Questionário Básico, do qual foram extraídas as informações referentes ao Universo do Censo de 2010. Perguntava-se: “alguma pessoa que morava com você estava morando em outro país em 31 de julho de 2010”? Caso a resposta fosse positiva, perguntava-se nome, sexo, ano de nascimento, ano da última partida para o exterior e o país de residência na data de referência (IBGE, 2010).

As respostas obtidas permitem dimensionar os emigrados do Brasil que em 31 de julho de 2010 estavam morando no exterior, mas tinham familiares ou alguém com quem residiu

anteriormente vivendo no Brasil. Assim, em caso de emigração da família inteira para outro país ou de falecimento de pessoa que ficou no Brasil, não houve resposta à questão referente ao emigrado. Tendo em vista essa limitação, sabe-se que os dados disponíveis são subestimados mas são importantes porque apontam para estrutura da emigração do Brasil quanto à origem e destino, bem como à composição etária e por sexo das pessoas que deixaram o país.

Sendo o recorte aqui escolhido pouco explorado na vasta e rica bibliografia sobre o Brasil e os movimentos populacionais internacionais, espera-se oferecer subsídios que auxiliem o preenchimento de algumas lacunas, estimulem novas perspectivas e perguntas e aprofundem a compreensão das dinâmicas migratórias no nordeste e no Brasil.

Distribuição Espacial da Emigração no Nordeste: Origem Metropolitana Das Saídas

Ao longo da história do pensamento geográfico o caráter nomotético ou idiográfico desta disciplina científica sempre foi objeto de debate. Esta reflexão está presente explícita ou implicitamente em todas as disciplinas da Geografia, inclusive na Geografia da População. Neste campo do conhecimento, apesar das diferenças de procedimentos, metodologias e intenções de busca por formulações gerais ou ênfase nas preocupações regionais, há tradição nos estudos de distribuição populacional. Sem dúvida, muitos geógrafos orientaram-se pela ideia, sintetizada no título do famoso artigo de David J. M. Hooson (1960), de que a distribuição da população é uma expressão geográfica essencial¹. Tais contribuições clássicas, à luz das dinâmicas contemporâneas, subsidiaram a análise da distribuição dos emigrantes no Brasil.

Sabe-se que a população brasileira se concentra na faixa litorânea e que cerca de 70% reside nas regiões sudeste e nordeste. O nordeste reúne mais de 27% da população habitante no Brasil, o que correspondia, em 2010, a 53.081.950 pessoas (IBGE, 2010). Seria de se esperar que estas características gerais da distribuição da população se vincula com a distribuição de emigrantes. Todavia, conforme é possível observar na tabela 1, nota-se que as proporções alteram-se significativamente em especial para o nordeste, cuja representatividade na população emigrada cai para 15%, enquanto crescem a proporção das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, responsáveis por 78% da emigração brasileira.

¹ Refere-se ao artigo intitulado “The distribution of population as the essential geographical expression”, publicado em 1960 na revista *The Canadian Geographer*.

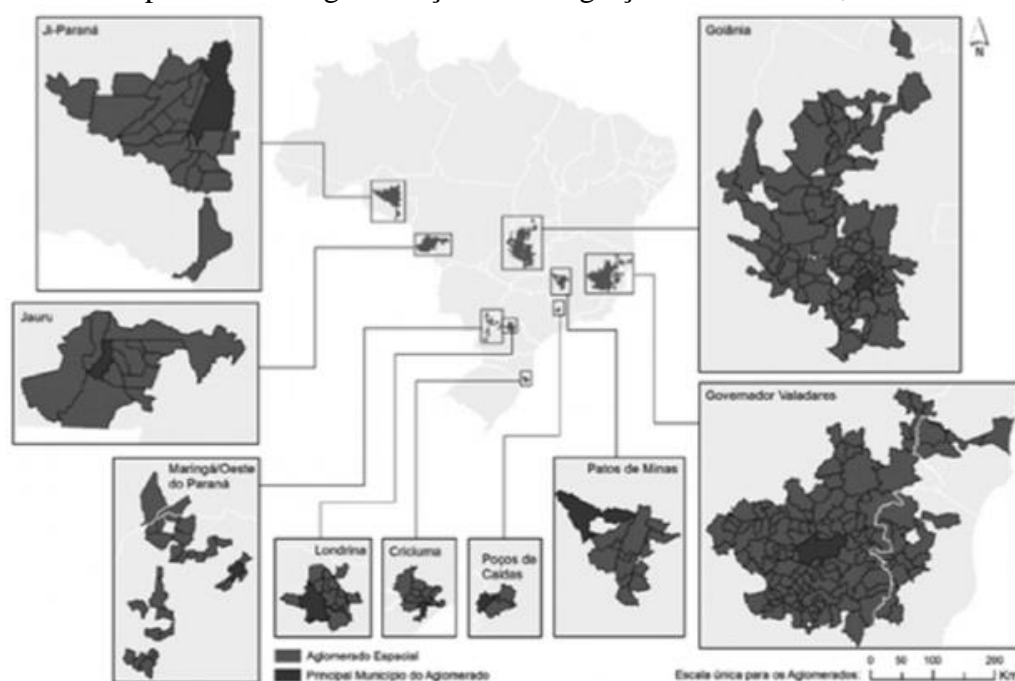
Tabela 1: Brasil e Grandes Regiões, segundo população residente e população emigrada, 2010

Unidade Territorial	População residente	% (em relação ao Brasil)	População emigrada	% (em relação ao Brasil)
Brasil	190.755.799	100	491.645	100
Norte	15.864.454	8,3	33.966	6,9
Nordeste	53.081.950	27,8	73.830	15
Sudeste	80.364.410	42,1	240.298	48,9
Sul	27.386.891	14,3	84.348	17,1
Centro-Oeste	14.058.094	7,4	59.203	12

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2010. Organização: Aline Lima Santos

Desta forma, infere-se que os movimentos populacionais não são meros reflexos do tamanho populacional de determinadas áreas. Além disso, o fenômeno migratório não é aleatório do ponto de vista espacial. Nas palavras do geógrafo americano Glenn Trewartha (1974, pp. 166, 167), “as migrações são específicas e particulares a certos continentes, países, regiões, localidades e cidades (...) o processo de migração é seletivo”. De fato, corroborando a esta premissa e partindo do percentual de emigrantes por município, Marden Campos e Diego Macedo (2014) identificaram nove concentrações espaciais do fenômeno emigratório (ver mapa 1). Estas aglomerações englobaram um total de 338 municípios e corresponderam a origem de 95.324 pessoas egressas, ou seja, 6% dos municípios brasileiros congregaram mais de 19% das emigrações.

Mapa 1: Brasil: aglomerações de emigração internacional, 2010



Fonte: CAMPOS, M.; MACEDO, D. Agrupamentos de emigração internacional no Brasil: o papel das redes sociais na formação dos espaços de emigração, 2014, p. 267.

Conforme é possível observar no Mapa 1, a única aglomeração que inclui municípios nordestinos é a de Governador Valadares. Tais municípios nordestinos que se destacam pelo percentual de emigrantes localizam-se na porção sul da Bahia. Muito provavelmente, nestes municípios, os impactos sócio-espaciais das migrações são mais relevantes do ponto de vista relativo. Sugestão que poderia instigar pesquisas dedicadas ao tema.

Por sua vez, observados os números absolutos, os cinco principais municípios emissores internacionais de população são Salvador (BA), Fortaleza (CE), Recife (PE), Natal (RN) e João Pessoa (PB), que juntos respondem como origem de 37,8% dos nordestinos emigrados. Vale ressaltar que no contexto nordestino tais municípios sobressaem por suas regiões metropolitanas e por se constituírem em capitais dos respectivos estados. Os dados respaldam a inferência de que a emigração nordestina parte sobretudo das principais áreas metropolitanas, respondendo por quase 60% da emigração do nordeste. As regiões metropolitanas de Salvador (BA), Recife (PE) e Fortaleza (CE) contribuem com mais de 41% para as saídas, conforme demonstrado na Tabela 2, a seguir:

Tabela 2: Nordeste: regiões metropolitanas, segundo número de pessoas emigrantes, 2010

Unidade Territorial	Emigrantes (Número absoluto)	% (em relação ao NE)
Nordeste	73830	100
Grande São Luís (MA)	1859	2,5
Sudoeste Maranhense (MA)	1179	1,6
Fortaleza (CE)	7688	10,4
Cariri (CE)	301	0,4
Natal (RN)	3309	4,5
João Pessoa (PB)	2478	3,3
Campina Grande (PB)	772	1,0
Recife (PE)	11225	15,2
Maceió (AL)	1865	2,5
Agreste (AL)	216	0,3
Aracaju (SE)	1255	1,7
Salvador (BA)	11775	15,9

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2010. Organização: Aline Lima Santos

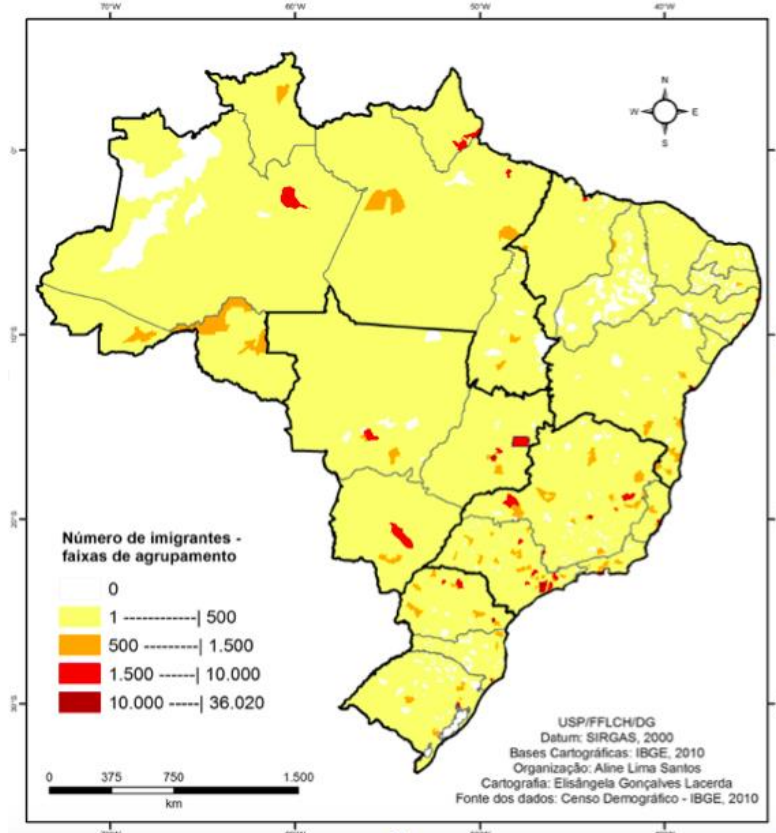
A origem urbana/metropolitana dessas emigrações nordestinas, portanto, necessita de observação e análise mais atenta. A seletividade da emigração não é apenas no sentido de localização cartesiana. Ao tomar o espaço como instância social, evidencia-se que esse caráter seletivo dos movimentos populacionais também são dotados de conteúdos econômicos, sociais, culturais profundos, manifestos espacialmente. No que diz respeito ao caso nordestino, a característica de que a emigração tem origem especialmente nas áreas metropolitanas adquire mais

significado se associada ao fato de que aí se concentra a riqueza no âmbito regional e, paralelamente, são elas que recebem mais fortemente os vetores do processo de modernização socioespacial que particularizam o presente período técnico-científico-informacional, conectando-se mais intimamente com as dinâmicas globais (SANTOS, 2004; SANTOS & SILVEIRA, 2008).

Os dados revelam ainda que em 2010, 7,4% dos municípios brasileiros não contribuíram com a emigração internacional. O Mapa 2 mostra que o Estado do Piauí concentra parte importante destas áreas. Além disso, observa-se que no nordeste os municípios que não participaram da emigração brasileira estão localizados sobretudo no contexto do Agreste e do Sertão, áreas marcadas por apresentar percentuais de população rural superiores à média brasileira. Esse fato sugere que as áreas rurais nordestinas são aquelas que menos participam dos processos internacionais de saída de população.

Por sua vez, mais de 90% dos municípios brasileiros foram origem de uma até 499 pessoas emigradas, caso da maior porção da região nordeste. Aqueles municípios que registraram mais de 500 emigrantes no nordeste são 23 e no Brasil somam 141 e correspondem a 2,6% do total (IBGE, 2010).

Mapa 2
Brasil: população emigrante, segundo município de origem, 2010



Fonte: SANTOS, A.L. Sistema migratório Brasil-Portugal. Hierarquias geográficas e dinâmicas dos fluxos e contrafluxos populacionais no limiar do século XXI, 2016, p. 201.

Soma-se que a ação de buscar fora do país de nascimento melhores oportunidades e/ou condições de vida exige recursos econômicos, isto é, vincula-se à classe social a que se pertence, e demanda também recursos educacionais. Estes últimos vão desde capacidades transmitidas nas relações intergeracionais como também dizem respeito às credenciais adquiridas nos sistemas formais de ensino. A educação, enquanto recurso de poder para o indivíduo, habilita-o quanto à consciência da possibilidade de emigrar. Tanto recursos econômicos como recursos educacionais são limitados pela pobreza, o que imobiliza pessoas pertencentes a classes sociais mais pobres e se constitui em um aspecto da seletividade da emigração (CASTLES, 2005). Diversas experiências contemporâneas demonstram que o combate bem sucedido à pobreza e a paralela promoção de desenvolvimento econômico e social resultam em mais migrações. Essa discussão certamente é uma pista para compreensão das dinâmicas migratórias da região nordeste.

É preciso, no entanto, relativizar o papel das variáveis econômicas e educacionais influentes nos movimentos populacionais. Especialmente porque, não é demais reiterar, as migrações não se constituem em um fenômeno que diz respeito apenas aos indivíduos. Famílias, instituições formais e informais, contatos e participação em grupos e redes sociais atuam como facilitadores das migrações, compartilhando informações sobre os lugares de origem e destino, oferecendo suporte e apoio aos imigrantes recém-chegados, diminuindo os receios de emigrar e os riscos envolvidos nesta ação (CASTLES *et al.*, 2014).

O Predomínio das Mulheres na Emigração Nordestina

Quando se pretende traçar um perfil da população (e/i)migrante há quesitos fundamentais a serem ponderados, dentre eles cita-se o sexo, a idade, o estado civil e o nível de instrução. Aqui se optou por trabalhar somente a variável sexo. Isso se justifica tanto por dificuldades de acesso a dados relativos às demais variáveis, como pelas restrições impostas pelo formato “artigo”, cujo limite de páginas não daria conta de uma análise cuidadosa de cada um dos quesitos e/ou do tratamento das correlações e interdependências entre eles. Neste sentido, apesar de insuficiente para traçar um perfil dos emigrantes, considerar a variável sexo oferece pistas importantes para futuros trabalhos sobre o nordeste na emigração internacional brasileira.

Constata-se, inicialmente, que as mulheres predominam na população de deixou o Brasil. Das 491.645 pessoas que viviam fora do país em 2010, cerca de 54% eram do sexo feminino (IBGE, 2010). Por sua vez, a emigração internacional nordestina apresenta-se ainda mais feminizada. A proporção de mulheres no conjunto de 73.830 egressos aproxima-se dos 63%. As 46.331 mulheres nordestinas que saíram do país representavam cerca de 17,5% das mulheres emigrantes brasileiras, ao passo que os 27.499 homens nordestinos correspondiam a 12,1% do

total pessoas do sexo masculino que moravam no exterior (IBGE, 2010). Além disso, observando-se o percentual de mulheres na emigração nordestina segundo os estados, o Ceará (70,09%), o Rio Grande do Norte (70,3%), o Pernambuco (64,3%), o Alagoas (66,64%) se destacam acima da proporção regional.

A bibliografia disponível sobre a feminização das migrações internacionais indica que a busca por empoderamento e superação de vulnerabilidade social é frequentemente propulsora de migrações de mulheres. No contexto brasileiro de modo geral e do nordeste brasileiro particularmente, a saída de mulheres pode estar ligada a força de estruturas patriarcais tradicionais, que resultam em distintas formas de violência contra a mulher. Para citar um exemplo, em 2013, o Brasil estava na quinta posição em um ranking que classificou 83 países do mundo quanto à taxas de homicídio de mulheres (por 100 mil). Vale ressaltar que a taxa para a região nordeste correspondeu a 5,6 homicídios por 100 mil mulheres, índice que superou o nacional (4,8 por 100 mil) (WAISELFISZ, 2015).

A busca por maiores oportunidades econômicas também deve ser levada em conta. O nível de desenvolvimento é uma variável importante relacionada à imigração no feminino. Quase 52% da população imigrante que vive nos países desenvolvidos é formada por mulheres, enquanto 43% é o percentual correlativo aos países em desenvolvimento e aos países pobres. Com efeito, a presença feminina nas migrações é mais marcante nos fluxos Sul-Norte (ONU, 2015). Interpretações deste fato tem sido elaboradas e se destaca, particularmente, o que se denomina “cadeias globais de cuidados”. Esta ideia remete ao processo de entrada das mulheres dos países do Norte Global no mercado de trabalho, gerando uma demanda para que outras as substituam na execução de tarefas tradicionalmente atribuídas ao sexo feminino, nomeadamente os cuidados com idosos, doentes, crianças e o trabalho doméstico (MOROKVAŠIĆ, 2014; EHRENREICH & HOCHSCHILD, 2003).

Tal demanda constitui um nicho de mercado preenchido frequentemente por mulheres imigrantes provenientes do Sul Global. Por sua vez, para desempenhar a atribuição de empregada doméstica, babá ou cuidadora de idosos nos países ricos, as mulheres imigrantes deixam de cumprir estes papéis no país de origem. Gera-se aí, igualmente, uma carência pela realização dos mesmos. Essa necessidade é geralmente preenchida por parentes próximos do sexo feminino, como tias, irmãs, avós ou filhas mais velhas, formando-se assim uma cadeia de cuidados que extrapola os limites estabelecidos por fronteiras nacionais e fazem parecer solidários os trabalhos de mulheres no âmbito global.

A solidariedade, porém, não tem conotação moral. Ela refere-se aos nexos coesos existentes entre mulheres autóctones e imigrantes, entre mulheres de distintas classes sociais,

raças/etnias e origens geográficas. Cada uma destas dimensões identitárias, sociais e geográficas se entrecruzam de modo complexo, estabelecendo hierarquias, oportunidades e contrangimentos. Tudo, entretanto, funcionando para realização compulsória da reprodução social, daquilo que os homens rejeitam assumir e que o poder público tem falhado em responder. Este é um exemplo dentre tantos que comprovam que o trabalho doméstico é um dos principais motores da migração laboral feminina de caráter internacional. Apesar das oportunidades de melhores condições de vida que possibilita para muitas mulheres cuja intenção é sair da pobreza absoluta ou relativa, os custos emocionais e afetivos constituem o lado sombrio deste processo que, frequentemente, implica separação de mães e filhos, por exemplo.

Mas o predomínio excessivo deste enfoque na produção do conhecimento sobre imigração feminina pode colaborar para criação e legitimação de estereótipos que associam mulheres imigrantes exclusivamente a pobreza, baixa qualificação e inserção laboral precária. Não é adequado vincular de maneira simplista a pobreza e a emigração. No caso das mulheres emigrantes, sabe-se que elas não saem da classe social mais pobre em seu país de origem. Além disso, geralmente, elas possuem melhores condições econômicas e educacionais do que os homens emigrantes (EHRENREICH & HOCHSCHILD, 2003).

Destinos da Emigração Nordestina

Quanto aos principais destinos da emigração brasileira, os dados revelam que a Europa e a América do Norte são as grandes regiões globais que mais recebem pessoas provenientes do Brasil, sendo responsáveis por absorver 77,8% de nossos emigrados. Os principais países escolhidos por esta população egressa são os Estados Unidos (23,9%), Portugal (13,4%) e a Espanha (9,42%), sendo outros destinos europeus também representativos.

A emigração nordestina também se direcionou sobretudo para Europa e América do Norte, que juntos agregaram 81,6% dessa contingente populacional. Entretanto, o papel de destino desempenhado pela Europa foi mais relevante para o nordeste (64%) do que para o Brasil (51,43%). Quanto aos principais países receptores, a população nordestina emigrada foi especialmente para os Estados Unidos (14,9%), Portugal (13,7%) e Itália (12,9%). Comparativamente com o Brasil, portanto, os Estados Unidos e a Espanha perdem em importância relativa como destino da emigração nordestina, enquanto a Itália sobressai (IBGE, 2010).

Também compõem este cenário o fato de que a emigração brasileira é desfavorável aos destinos africanos e centro-americanos, que conjuntamente correspondem a menos de 3% dos países que recebem brasileiros. Já a emigração nordestina para África é mais considerável, ultrapassando os 3% dos egressos da região, enquanto Ásia, a Oceania e a América do Norte

apresentam proporções menores do que aquelas observadas para o conjunto do país, conforme é evidente na Tabela 3.

Tabela 3 Emigração brasileira e nordestina segundo grandes regiões de destino, 2010

Destino	Origem			
	Brasil	%	Nordeste	%
Grandes Regiões				
Mundo	491.645	100	73.830	100
África	8.286	1,7	2.416	3,2
América Central	3.199	0,65	574	0,7
América do Norte	129.940	26,4	12.989	17,6
América do Sul	38.890	7,9	7.715	10,4
Ásia	43.912	8,9	1.602	2,1
Europa	252.892	51,4	47.254	64
Oceania	13.880	2,8	1.115	1,5
Sem declaração	646	0,13	165	0,2

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2010. Organização: Aline Lima Santos

A variável sexo influencia significativamente o destino escolhido. Ao se discernir os dados segundo este quesito para o conjunto do país, nota-se que a proporção de mulheres é superior a dos homens na emigração que se direciona para a América do Norte (50,7%) e para a Europa (60%). Nos destinos africanos, asiáticos, centro e sul americanos e na Oceania a imigração brasileira é masculinizada. As grandes regiões que menos se avultam como destino, são as que apresentam as mais altas proporções de homens, caso da África e da América Central, com os percentuais de pessoas do sexo masculino na casa dos 70,6% e 65,6%, respectivamente.

Para o contingente populacional saído do nordeste os dados demonstram que os destinos europeus e da América do norte são, igualmente, bastante feminizados. A proporção de mulheres nordestinas em ambas as grandes regiões ultrapassa aquela verificada para o país, sendo 70,4% e 60,5%, na referida ordem. No restante das grandes regiões de destino, predominam os homens, com exceção da Ásia, que apresentou equilíbrio. O continente africano se destaca pela masculinização dos imigrantes vindos do nordeste brasileiro, com um percentual de homens próximo dos 75% (IBGE, 2010).

Classificando os principais países de destino segundo o sexo, das 264.902 mulheres brasileiras emigrantes, 47,5% foram para os Estados Unidos, Portugal e Espanha. Os homens egressos, por sua vez, foram especialmente para os Estados Unidos, Portugal e Japão, países que em conjunto agregam também cerca de 47,5% do total masculino emigrante. Quanto às 46.331 mulheres nordestinas emigradas em 2010, pouco mais de 30% foram morar na Itália, Estados Unidos ou Portugal. Além disso, Estados Unidos, Portugal e Espanha receberam 37% do que concerne aos 27.499 homens nordestinos emigrados.

Diante do exposto, chama atenção a emigração de mulheres nordestinas para a Itália. É provável que este movimento populacional específico tenha relações com as atividades de turismo no nordeste do país, bem como com a existência de casamentos mistos entre mulheres nordestinas e homens italianos; também é possível que indique a presença de redes sociais, redes de prostituição e/ou redes de tráfico de pessoas. De qualquer maneira, é pertinente pensar que a seletividade e o padrão espacial aqui discutido signifiquem a presença de sistemas migratórios internacionais que envolvem o nordeste brasileiro. Para fins de análises futuras mais aprofundadas sobre o tema vale como norteadora a ideia de que quando há um padrão regular de trocas de pessoas entre áreas específicas que perduram no tempo, há um sistema migratório.

Considerações Finais

Este artigo pretendeu ultrapassar a ênfase na participação do nordeste nas migrações internas, ressaltando seu papel no contexto das migrações internacionais. Para isso fez-se jus à tradicional “obsessão” com medidas e números que caracterizam as contribuições geográficas nos estudos das migrações (KING, 2012). Dados estatísticos do recenseamento demográfico de 2010 foram utilizados para mostrar que, apesar de pouco expressivo, o nordeste contribui com as emigrações internacionais brasileiras. A região contém particularidades que dizem respeito, dentre outras características, à origem metropolitana das saídas, às distintas preferências de destinos em comparação com os dados gerais para o país e a grande participação das mulheres para os destinos mais expressivos, nomeadamente América do Norte (Estados Unidos) e Europa (Itália e Portugal).

São patentes os limites dos instrumentos usados para conhecer as dinâmicas migratórias. Em realidade, foi possível traçar apenas um esboço do cenário referente a 2010, examinando a distribuição das áreas de origem da emigração, seus principais destinos e a interferência do quesito sexo na seletividade do fenômeno migratório. Os recenseamentos têm uma periodicidade que não é suficiente para acompanhar as dinâmicas da migração e da vida dos migrantes. Em outros termos, os dados censitários constituem um momento específico da população; não permitem, portanto avaliar trajetórias, consideram apenas os “sobreviventes”, tornando opaco o período intercensitário (CUNHA, 2012). Além disso, a base de dados diretamente relativa a emigração no Brasil é bastante recente, sendo resultado de inclusão de perguntas apenas no Censo 2010, o que dificulta análises quantitativas comparativas de distintos momentos históricos, que permitiriam apreender dinâmicas.

Ainda assim, os dados disponíveis são valiosos. Tendo uma cobertura territorial abrangente, estas informações oferecem uma “fotografia” do momento, o que constitui subsídio para avaliar a existência de padrões, apontar tendências e orientar estudos qualitativos.

Observando o nordeste na emigração internacional brasileira, muitas questões podem ser levantadas. Conforme afirma o geógrafo Milton Santos (2004), o espaço geográfico conserva em si distintos tempos. Isso leva à pergunta: que história a configuração espacial da emigração nordestina sintetiza? É pertinente também refletir sobre que relações existem entre origem e destino, migrações internas e internacionais, emigração e imigração no nordeste? Quais especificidades da emigração das áreas metropolitanas, das pequenas e médias cidades, das áreas rurais? Quais as relações entre a feminização da emigração nordestina com a realidade social, econômica e cultura da região? Que impactos do ato de emigrar para a condição de vida das pessoas que partem e que ficam no nordeste? Quais as necessidades daí decorrentes? Que políticas públicas são necessárias no âmbito regional?

Enfrentar a miríade de problemáticas passíveis de serem estudadas certamente exigirá observar classe social, raça/cor e gênero. A abordagem qualitativa será imprescindível enquanto instrumento para auxiliar análises futuras. Os dados obtidos por metodologias qualitativas colaboram para preencher as lacunas deixadas pelos limites dos dados quantitativos, que deixam de apreender o sentido das práticas e representações espaciais e a vivência das pessoas. O modo como essas usam o território dependem das possibilidades e constrangimentos que ele oferece. De qualquer modo, estar no mundo, usar o território é matéria-prima para elaboração de projetos futuros, que podem incluir ou não decisões de migrar. Espera-se, com estas provocações, estimular estudos que colaborem para conhecer melhor o fenômeno migratório brasileiro e nordestino, especialmente em seus aspectos pouco trabalhados.

Referências Bibliográficas

BAILEY, A. **Making Population Geography**. Londres: Hodder Education, 2005.

BALLESTEROS, A. G. **Métodos y técnicas cualitativas en geografía social**. Barcelona: Oikos-tau, 1998.

BEAUJEU-GARNIER, J. **Geografia da População**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

CAMPOS, M. B. **Uma questão de imobilidade: onde vivem os brasileiros que nunca migraram**. Anais do XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2014, 1- 18.

CAMPOS, M. B., & MACEDO, D. R. **Agrupamentos de emigração internacional no Brasil: o papel das redes sociais na formação dos espaços de emigração**. Geografia , 39 (2), 2014, 257-272.

CARVALHO, J. A. **O saldo dos fluxos migratórios internacionais do Brasil na década de 80 - uma tentativa de estimação**. Revista Brasileira de Estudos Populacionais , 13 (1), 1996, pp. 3-14.

CARVALHO, J., & CAMPOS, M. **A variação do saldo migratório internacional do Brasil.** Estudos Avançados, 20 (57), maio/ago, 2006, pp. 55-58.

CASTLES, S. (2005). **Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios dos trabalhadores convidados às migrações globais.** Lisboa: Fim de século Edições, Sociedade Unipessoal.

CASTLES, Stephen; HASS, H.; MILLER, M. J. **The age of migration.** 5ª ed. New York: Guilford Press, 2014.

CUNHA, J. M. **Retratos da Mobilidade Espacial no Brasil: os Censos Demográficos como Fontes de Dados.** Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana, Ano XX, no 39, jul/dez., 2012.

EHRENREICH, B.; HOCHSCHILD, A. R. (eds.). **Global woman: nannies, maids, and sex workers in the new economy.** New York: Metropolitan Books, Henry Holt and Co., 2003.

FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil,** 15ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

HOOSON, D. J. **The distribution of population as the essential geographical expression.** *The canadian geographer*, 4 (17), 10-20, 1960.

IBGE. **Censo 2010.** <http://censo2010.ibge.gov.br>. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

KING, R. **Geography and migration studies: retrospect and prospect.** In *Population, space and place* (18), 2012, 134-153.

MASSEY, D., ARANGO, J., HUGO, G., KOUAOUCCI, A., PELLEGRINO, A., & TAYLOR, J. (1998). **Worlds in motion. Understanding international migration at the end of the millennium.** Oxford: Clarendon Press.

MOROKVAŠIĆ, M. **“Gendering Migration”** In *Migracijske i etničke teme* 30, nº3, 2014, 355–378.

OJIMA, R.; FUSCO, W. (orgs.). **Migrações nordestinas no século 21. Um panorama recente.** São Paulo: Blucher, 2014.

OLIVEIRA, A.T. **Um panorama da migração internacional a partir do Censo Demográfico de 2010.** REMHU, vol.21, nº 40, Brasília, jan/jun, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852013000100012> Acesso em 10/08/2017.

ONU. **Trends in International Migrant Stock by Age and Sex.** United Nations database, Department of Economic and Social Affairs, Population Division. Organização das Nações Unidas (ONU), 2014 – United Nations Development Programme. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en>> Acesso em 13/08/2017.

PATARRA, Neide Lopes. (Coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo.** São Paulo: FNUAP, 1995.

PATARRA, Neide Lopes. (Coord.). **Migrações internacionais: herança XX, agenda XXI**. São Paulo: FNUAP, 1996.

QUEIROZ, S.N.; BAENINGER, R. **Migrações de retorno. O caso recente das migrações cearenses**. Revista Econ. NE. Vol 44, nº4, Fortaleza, out/dez, 2013, p. 833-850. Disponível em <https://www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/artigoRenPDF.aspx?cd_artigo_ren=1400> Acesso em 10/08/2017.

REIS, R.; SALES, T. **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999.

ROSSINI, R. E. **Da intenção de voltar à necessidade de ficar: a presença do Brasil no Japão (1985 - 2005)**. In: Encontro nacional da ABEP, 2006, Caxambu - MG. anais do encontro nacional da ABEP, 2006.

ROSSINI, R. **A presença do ausente: migrantes nikkeis do Brasil no Japão, migrantes japoneses no Brasil**. Actas do Congresso Solidariedade Intergeracional, 2008.

SANTOS, A. L. **Mudança de vento: a migração do Brasil para Portugal no fim do século XX e início do século XXI**. 2010. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de Geografia. FFLCH/USP, 2010.

SANTOS, A. L. Sistema migratório Brasil-Portugal: hierarquias geográficas e dinâmicas dos fluxos e contrafluxos populacionais no limiar do século XXI. 2016. Tese de Doutorado, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. 6ª ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 10ª ed. São Paulo: Editora Record, 2008.

SINGER, P. I. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: P. I. SINGER, **Economia política da urbanização**. São Paulo: Editora Brasiliense, Edições CEBRAP, 1973, pp. 29-60.

TREWARTHA, G. **Geografia da População. Padrão Mundial**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 1974.

VENTURA, D.; ILLES, P. **Qual a política migratória do Brasil. Le monde diplomatique Brasil**, 07 de março de 2012.

WAISELFISZ, J.J. **Mapa da violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília: Flacso, 2015. Disponível em <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf> Acesso em 15/08/2017.